

investidor privado

A arte também serve para embelezar a riqueza



investidor privado

A arte também serve para embelezar a riqueza



A arte tem-se tornado cada vez mais popular entre investidores que procuram retornos de longo prazo. É um ativo ilíquido – servindo como instrumento de diversificação –, mas também apaixona por ser tangível.

MARIANA FERREIRA AZEVEDO
 marianaazevedo@negocios.pt
JOSÉ TINY
 Ilustração

Quadros harmoniosos, esculturas imponentes ou instalações exóticas. As obras de arte apaixonam muitos e somam-se os aficionados, mas podem ser também um investimento. Não é para todos. Em primeiro lugar, para os apaixonados, tal como para os que querem diversificar carteiras.

São ativos ilíquidos, com pouca correlação aos mercados financeiros e tendem a beneficiar num ambiente de inflação elevada: nos últimos dois anos, as receitas de este mercado têm vindo a crescer exponencialmente.

“Nos mercados financeiros há muita liquidez”, avança Pedro Almeida, especialista em banca privada e desenvolvimento de negócios no banco Degroof Petercam, num evento sobre o tema realizado no atelier da artista Joana Vasconcelos. “Temos que ir além dos produtos financeiros”, acrescenta.

O investimento em arte é, desta forma, visto como uma peça para completar o puzzle das carteiras dos investidores. “O mercado da arte não é líquido”, indica Pedro Almeida. Além disso, tem uma correlação nula com os ativos tradicionais, o que faz dela um investimento alternativo atrativo, completa Christine Mostert, responsável de consultoria em arte no banco do Luxemburgo.

Com esta oferta, o banco pretende criar “um verdadeiro valor acrescentado para os seus clientes”, avança Pedro Almeida. Este valor é, contudo, dirigido apenas a quem não tem pressa em obter retorno. “Com o passar dos anos, a experiência que nós temos é que estes ativos valorizam”, explica.

Por outro lado, o facto de se tratarem de ativos palpáveis foi outra das vantagens enumeradas pelos especialistas. “A tangibilidade aqui é a parte da paixão. Nós vamos tocar e vê-lo na

nossa casa”, diz o responsável pelo banco Degroof Petercam.

Mas nem tudo são rosas: as obras de arte têm tanto de paixão, como de custos. “A propriedade de uma obra de arte não se limita à transação, mas inclui também inúmeras atividades de gestão para evitar surpresas desagradáveis no futuro, tais como seguro, conservação, inventário, logística e armazenamento”, diz Christine Mostert.

Mas isso não tem assustado os investidores. No ano passado, o mercado global da arte experimentou um aumento das receitas de 3% para 67,3 mil milhões de dólares em relação a 2021, um crescimento modesto quando comparado com os 31% de 2021 face a 2020, de acordo com o relatório sobre o mercado global da arte da ArtBasel em parceria com o banco UBS.

Esta expansão pode ser atribuída ao aumento generalizado dos preços, já que “quando os si-

nais de aumento da inflação se fazem sentir, a arte beneficia muitas vezes com a proteção tradicional dos ativos reais”, indica a consultora do Degroof Petercam.

E em 2023? Segundo o relatório, os investidores que detêm obras estimam que o mercado continue a expandir-se este ano, principalmente as casas mais pequenas.

“Os comerciantes mais pequenos, com menos de 250.000 dólares de volume de negócios anual, estavam entre os mais otimistas em relação às vendas para 2023, com pouco mais de metade (52%) a esperar um aumento”, lê-se no relatório.

Já os investidores num intervalo entre 250 e 500 mil dólares em volume de negócios foram os mais pessimistas, sendo que apenas 37% espera que as receitas aumentem em 2023. ■

Entre os pequenos investidores, 52% creem que receitas no mercado da arte vão crescer ao longo deste ano.

Quatro formas de investir no mercado da arte

Investir no mercado de arte não é para todos, mas há várias formas (para diferentes carteiras). As escolhas passam pela criação de uma fundação ou comprar numa galeria, mas é também possível apostar num fundo ou índice.

A CRIAÇÃO DE UMA FUNDAÇÃO VEM COM BENEFÍCIOS FISCAIS

A constituição de uma fundação é das formas mais populares de investir em arte. “A fundação é, sem dúvida, o melhor lugar para pôr as obras de arte”, refere a artista Joana Vasconcelos, num evento sobre o tema. Além de os quadros estarem expostos, o investidor pode optar por fazer uma parceria com outros colecionadores. O problema é que “a criação de uma fundação já não é tão fácil como há uns anos”, aponta Carlos Lucena, fundador e presidente do conselho de administração da empresa de advocacia Telles. Isto porque o investidor tem, hoje em dia, de justificar a criação de uma fundação como tendo uma utilidade pública, que lhe garante benefícios fiscais. Além de os donativos passarem a ser vistos como custos, estes são aumentados. Os donativos não justificados são majorados em 20%, os donativos de contratos plurianuais para fins culturais específicos beneficiam de uma majoração de 30%. Além disso, há ainda benefícios que se destinam a entidades responsáveis pela promoção de projetos de serviço público nas áreas do teatro, música, ópera e bailado, que beneficiam de uma majoração de 40%. ■

30%
MAJORAÇÃO DE DONATIVOS
Os donativos de contratos plurianuais para fins culturais específicos beneficiam de uma majoração de 30%.

FUNDOS DE ARTE SÃO MAIS RENTÁVEIS A LONGO PRAZO

Os fundos de investimento em arte funcionam como qualquer outro veículo de investimento coletivo. O fundo compra e vende ativos, mas, neste caso, tratam-se de obras de arte, tendo como objetivo obter rendibilidades atrativas para os clientes. Em Portugal, a Artbox criou, em maio deste ano, o primeiro fundo de investimento com arte como ativo. O objetivo é adquirir obras de arte contemporânea portuguesa que estão avaliadas entre 5 mil euros e 500 mil euros cada uma. Para ter exposição a este produto o investidor necessita, no entanto, de desembolsar, pelo menos, 50 mil euros. Apesar de ainda não ter uma rendibilidade histórica, a Artbox garante que “o investimento em arte tem proporcionado sustentadamente retornos absolutos positivos, e resilientes em épocas de contração dos mercados dos ativos tradicionais”. Segundo dados da Masterworks, as obras de arte tiveram rendibilidades, a longo prazo, mais atrativas do que ações, obrigações e imobiliário. A rendibilidade média anual dos fundos com este tipo de ativos foi de 14,1%, de 1996 a 2002. Durante o mesmo período, o S&P 500 rendeu 9,9% ao ano. ■

14,1%
FUNDOS DE ARTE
A rendibilidade média anual dos fundos de arte foi de 14,1%, de 1996 a 2002, acima dos 9,9% do S&P 500.

ARTPRICE 100 TEVE RETORNOS NUM ANO NEGRO NOS MERCADOS

Quem queira ter exposição ao mercado de arte pode também optar por alocar riqueza a índices de arte, que podem seguir artistas ou leilões. Um dos mais populares é o Artprice100 Index, que acompanha os 100 artistas com melhor desempenho em leilão dos cinco anos anteriores. “Essencialmente, o nosso índice revela o resultado financeiro hipotético que obterias se investisses nos artistas mais vendidos do mundo para beneficiar financeiramente do seu sucesso”, lê-se na página de apresentação do índice. Em 2022, o Artprice100 avançou 3%, impulsionado principalmente por obras de Pablo Picasso, Jean-Michel Basquiat e Andy Warhol. Já o índice Global Artprice perdeu 18% o ano passado. Segundo um relatório sobre o desempenho do índice, houve várias causas, embora a suspensão de leilões na China e o enfraquecimento do euro em relação ao dólar tenham sido as principais. Além disso, a Artprice notou que houve uma procura mais intensa por obras-primas de coleções mais prestigiadas, tais como de Hubert de Givenchy, Thomas Ammann, Yusaku Kamekura e Paul G. Allen, tal como de artistas mais jovens. ■

3%
ARTPRICE 100
Em 2022, o índice Artprice 100 subiu 3%, impulsionado por obras de Picasso, Jean-Michel Basquiat e Andy Warhol.

CONSTITUIÇÃO DE PATRIMÓNIO É VISTO COMO SEGURO

A constituição de património é outra das maneiras de investir em arte. Há investidores que preferem ficar com a obra de arte em casa, para posteriormente a transmitir às gerações seguintes. “Quando o negócio de família falha, o que resta é o património que a família foi adquirindo”, diz a artista Joana Vasconcelos. A constituição de património é, desta forma, uma das modalidades de investimento para os que pretendem proteger-se de instrumentos mais arriscados. Mas a compra destes ativos deve ser feita com cautela já que, mesmo sendo um ativo pouco volátil, o investidor não está completamente imune a riscos como falsificações ou mau aconselhamento. “O peso financeiro que a arte representa atualmente sublinha a necessidade de um profundo acompanhamento”, defende a responsável de consultoria em arte no banco Degroof Petercam, Christine Mostert, sobre o mercado de arte, que o ano passado registou receitas totais de 67,8 mil milhões de dólares. A par do baixo risco de manter este investimento, a transmissão de uma obra de arte aos filhos por via de herança é isenta do pagamento de impostos. ■

67,8
RECEITAS
No ano passado, as receitas totais no mercado da arte atingiram os 67,8 mil milhões de dólares.